

7 de janeiro de 1959

## Lição VII

7 de Janeiro de 1959

[Há uma distinção com a qual] essa experiência nos confronta, entre aquilo que no sujeito devemos chamar o desejo e a função, na constituição desse desejo, na manifestação desse desejo, das contradições que, ao longo dos tratamentos, eclodem entre o discurso do sujeito e seu comportamento, distinção, afirmo, essencial entre desejo e demanda.

Se há alguma coisa que, não somente os dados de origem, o discurso freudiano, mas, precisamente, todo o desenvolvimento do discurso freudiano tem no seu prosseguimento, a saber, as contradições que vão eclodir, é bem devido ao caráter problemático que aí desempenha a demanda, já que, afinal de contas, tudo aquilo para o que se dirigiu o desenvolvimento da análise, desde Freud, foi, cada vez mais, de acentuar a importância sobre o que foi chamado diversamente, e que, afinal de contas, converge para uma noção geral, de “neurose de dependência”, isto é, aquilo que foi ocultado, aquilo que é velado atrás dessa fórmula é bem o acento posto por um tipo de convergência da teoria e dos deslizes, e de seus fracassos da prática também, isto é, de uma certa concepção no que diz respeito à redução que é para se obter pela terapêutica.

É bem o que está escondido atrás da noção de “neurose de dependência”. O fato fundamental da demanda com seus efeitos impressores, compressores, opressores sobre o sujeito que está aí e do qual trata-se, justamente, de buscar, se no lugar dessa função – que revelamos como formadora, segundo a formação da gênese do sujeito – nós adotamos a atitude correta, quero dizer, aquela que, afinal de contas, vai ser justificada, a saber, a elucidação por um lado, e o levantamento ao mesmo tempo, do sintoma. Fica claro que se o sintoma não é simplesmente alguma coisa que devemos considerar como o legado de um tipo de supressão, de suspensão que se chama frustração, se isso não é simplesmente um tipo de deformação do sujeito, de algum modo que o abordemos sob o efeito de alguma coisa que se dosa em função de uma certa relação com o real – como eu o disse, uma frustração imaginária se refere sempre a alguma coisa de real – se não é isso, se entre aquilo que nós descobrimos, de fato, na análise, bem como seu prosseguimento, suas seqüências, seus efeitos, ou até mesmo seus efeitos duradouros, essas impressões de frustração e o sintoma, há alguma outra coisa, de uma dialética infinitamente mais complexa e que se chama o desejo; se o desejo é alguma coisa que não pode ser apreendida e entendida senão no mais estreito nó, não de algumas impressões deixadas pelo real, mas ao ponto, o mais estreito, onde se enodam junto, para o homem real, imaginário e seu sentido simbólico, aquilo que é precisamente o que tentei demonstrar - é porque a relação do desejo ao fantasma se expressa aqui no campo intermediário entre essas duas linhas estruturais de toda enunciação significante.

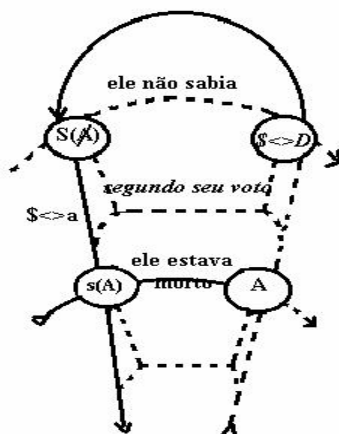
Se o desejo está bem aí, se é daí que partem os fenômenos ditos metafóricos, isto é, a interferência do significante recalcado sobre um significante patente que constitui o sintoma, é claro que é faltar tudo se não se buscar estruturar, organizar, situar o lugar do desejo. Isso nós começamos a fazê-lo, neste ano, tomando um sonho sobre o qual longamente me detive, sonho singular, sonho que Freud acentuou seu valor em duas ocasiões (eu quero dizer haver integrado secundariamente à *Traumdeutung*) depois de haver-lhe dado um lugar particular e totalmente útil no artigo *Os dois princípios do evento psíquico*<sup>1</sup>, o

---

<sup>1</sup> *Op. cit.*

7 de janeiro de 1959

desejo e o princípio de realidade (artigo publicado em 1911). Esse sonho é aquele da aparição do pai morto. Nós tentamos situar os elementos sobre a cadeia dupla tal como mostrei a distinção estrutural naquilo que podemos chamar o grafo, da inscrição do sujeito biológico elementar, do sujeito da necessidade nos desfiles da demanda, e longamente articulado. Eu apresentei para vocês como devíamos considerar essa articulação fundamentalmente dupla: na medida em que ela nunca é demanda de alguma coisa, enquanto pano de fundo de toda demanda precisa, de toda demanda de satisfação, o fato



mesmo da linguagem, simbolizando o outro – o outro como presença e como ausência – como podendo ser o sujeito do dom de amor que oferece por sua presença e só por sua presença, quero dizer na medida em que ele não dá nenhuma outra coisa, isso é, enquanto que, precisamente, o que ele dá está além de tudo aquilo que ele pode dar, o que ele dá é justamente esse nada que é tudo da determinação presença-ausência.

Nós articulamos esse sonho relançando de modo didático sobre essa duplicidade de signos, alguma coisa que nos permite apreender na estrutura do sonho a relação que é estabelecida por essa produção fantasmática a qual Freud tentou elucidar a estrutura ao longo de sua vida, magistralmente na *Traumdeutung* e nós tentamos ver sua função para esse filho em luto por um pai sem dúvida alguma amado, velado até o fim de sua agonia, que ele faz ressurgir nas condições que o sonho articula com uma simplicidade exemplar: isto é, que esse pai aparece como ele era enquanto estava vivo, que ele fala, e que o filho diante dele mudo, apanhado, agarrado, tomado pela dor – a dor, diz ele, de pensar que **“seu pai estava morto e que ele não o sabia”**. Freud nos diz, deve-se completar **“que ele estava morto segundo seu voto”**. Que ele não sabia o quê? Que era **“segundo seu voto”**.

Tudo está aí portanto, e se tentamos adentrar mais no que é a construção, a estrutura desse sonho, notamos isto: é que o sujeito se confronta com uma certa imagem e em certas condições, eu diria que entre aquilo que é assumido no sonho pelo sujeito, e essa imagem com a qual se confronta, uma distribuição, uma repartição se estabelece que vai nos mostrar a essência do fenômeno.

Nós já havíamos tentado articulá-lo, cercá-lo, se assim posso dizer, repartindo sobre a escala significativa os temas significantes característicos. Sobre a linha superior o **“ele não sabia”**, referência essencialmente subjetiva em sua essência, que vai ao fundo da estrutura do sujeito: **“ele não sabia”**, como tal, não diz respeito a nada de factual. É alguma coisa que implica a profundidade, a dimensão do sujeito – e sabemos que aí ela é ambígua, isto é, que esse **“ele não sabia”**, veremos, não é única e puramente atribuível àquele ao qual é atribuído paradoxalmente, absurdamente, de um modo que ecoa contraditório e até mesmo

7 de janeiro de 1959

ao modo de *non-sense*, àquele que está morto, mas ecoa do mesmo modo que ela no sujeito, e aí participa dessa ignorância. É, precisamente, algo essencial.

Além do mais, eis como o sujeito se apresenta, na suspensão, se assim posso dizer, da articulação onírica. Ele, o sujeito, tal como se apresenta, tal como se assume é, se assim podemos dizer, já que o outro não o sabe, a posição do outro, subjetiva – e, aqui, de estar em falta, se assim podemos dizer (que ele esteja morto, é claro, aí está um enunciado que, afinal de contas, não o saberia atingir). Toda expressão simbólica, tal como esta de “o ser morto” o faz subsistir, afinal de contas, conserva-o. É, precisamente bem, o paradoxo dessa posição simbólica: é que não há ser ao ser de afirmação do ser morto senão de uma certa forma que o imortalize, e é bem disso o de que se trata no sonho. Mas essa posição subjetiva do “ser em falta”, essa menos-valia subjetiva, não visa que ele esteja morto, visa essencialmente isso que ele é aquele que não o sabe. É assim que o sujeito se situa frente ao outro, também esse tipo de proteção exercida perante o outro – que faz com que não somente ele não saiba, mas que, no limite, eu diria que não se deve dizer isso a ele – é alguma coisa que se encontra, sempre, mais ou menos na raiz de toda comunicação entre os seres, aquilo que podemos e aquilo que não podemos lhe fazer saber. Eis alguma coisa da qual vocês devem sempre avaliar as incidências cada vez que lidam com o discurso analítico.

Falávamos, ontem a noite, daqueles que não podem dizer, se expressar, dos obstáculos, da resistência, propriamente dita, do discurso <sup>2</sup>. Essa dimensão é essencial para aproximar desse sonho um outro sonho que é emprestado à última página do jornal de Trotsky, no final da sua estadia na França, no início da última guerra, eu creio, sonho que é uma coisa singularmente emocionante. É no momento em que, talvez pela primeira vez, Trotsky começa a sentir nele as primeiras badaladas do sino de não sei qual flexionamento da potência vital tão inesgotável no sujeito. E ele vê aparecer em um sonho seu companheiro Lenine que o felicita por sua boa saúde, do seu caráter impossível de ser abatido. E o outro, de uma maneira que toma o seu valor dessa ambigüidade que sempre há no diálogo, lhe deixa entender que talvez dessa vez haja nele alguma coisa que não está sempre no mesmo nível em que o seu velho companheiro sempre lhe conheceu. Mas aquilo no que ele pensa, esse velho companheiro, assim surgido de modo tão significativo em um momento crítico, curva da evolução vital, é em poupá-lo. E querendo lembrar alguma coisa que precisamente se refere ao momento em que ele mesmo, Lenine, cedeu no seu esforço, ele diz, para lhe designar este momento onde ele morre: “o momento em que você estava muito, muito doente” como se alguma formulação precisa daquilo de que se tratava devia, pôr seu único sopro, dispersar a sombra diante da qual o mesmo Trotsky, no seu sonho, nessa mesma curva de sua existência, se mantém.

Pois bem, se por um lado, nessa repartição entre duas formas confrontadas, ignorância emitida sobre o outro que lhe é imputada, como não ver que, inversamente, há alguma coisa aí que não é outra coisa senão a ignorância do próprio sujeito, que não sabe não somente qual é a significação do seu sonho, a saber, tudo aquilo que lhe é subjacente (aquilo que Freud evoca, a saber, sua história inconsciente, os votos antigos, mortais, contra o pai), mas, mais ainda, qual é a natureza da própria dor, a qual, naquele momento, o sujeito participa, a saber, essa dor (da qual, procurando o caminho e a origem, reconhecemos essa dor sentida, entrevista na participação dos últimos momentos do pai)

---

<sup>2</sup> Sessão científica da Sociedade Francesa de Psicanálise, 6 de janeiro de 1959. George Mauco, “*La fonction psychotique de la parole*”.

7 de janeiro de 1959

da existência como tal, enquanto subsiste no limite, nesse estado em que mais nada é ainda apreendido, o fato do caráter inextinguível dessa existência mesmo, e a dor fundamental que a acompanha quando todo desejo se apaga, quando todo desejo aí evanesce.

É precisamente essa dor que o sujeito assume, mas como sendo uma dor que ele motiva absurdamente, já que ele motiva-a unicamente da ignorância do outro, de alguma coisa que, afinal de contas, se aí olharmos de bem perto, não é mais um motivo daquilo que o acompanha como motivação, que o surgimento do afeto, em uma crise histórica, que se organiza, aparentemente, de um contexto no qual ele é extrapolado, mas que de fato não se motiva dele.

Essa dor é, precisamente, a de tomá-la sobre si, que o sujeito cega sobre sua proximidade, sobre o fato de que, na agonia e no desaparecimento de seu pai, é alguma coisa que o ameaça, que ele viveu e portanto ele se separa atualmente por essa imagem reevocada – essa imagem que o liga a alguma coisa que separa e que apazigua o homem – nesse tipo de abismo ou de vertigem que se lhe abre cada vez que é confrontado com o último termo de sua existência. Isto é, justamente aquilo que ele precisa interpor entre ele e essa existência, na ocasião, um desejo. Ele não cita qualquer suporte do seu desejo, qualquer desejo, mas o mais próximo e o mais urgente, o melhor, aquele que ele dominou muito tempo, aquele que o abateu agora. É preciso, por um certo tempo, fazê-lo reviver, imaginariamente, porque nessa rivalidade com o pai naquilo que há aí de fundo de poder no fato que ele triunfa, afinal de contas, do fato que ele não sabe, o outro, sendo que ele sabe, aí está a fina passarela graças ao que o sujeito não se sente, ele mesmo, diretamente invadido, diretamente engolido, porque aquilo que se abre para ele de hiância, de confrontação pura e simples com a angústia da morte, tal qual nós sabemos de fato que a morte do pai, cada vez que se produz, é para o sujeito ressentida como o desaparecimento (em uma linguagem mais grosseira) desse tipo de escudo, de interposição, de substituição que é o pai, ao mestre absoluto, isto é, à morte.

Começamos a ver aqui se esboçar um tipo de [...] que é constituída por quê? A fórmula que tento lhes apresentar como sendo a fórmula fundamental daquilo que constitui o suporte, a relação intra-subjetiva essencial onde todo desejo como tal deve se inscrever; é sob essa forma a mais simples, aquela que é inscrita aqui, essa relação separada na relação quadrilátera, aquela do esquema L, aquela do sujeito ao grande Outro na medida em que esse discurso parcialmente inconsciente que vem do grande Outro vem se interpor nele. A tensão  $a-a'$ , aquilo que podemos ainda sob certas relações chamar a tensão imagem de  $a$  em relação a  $a$ ; segundo o de que se trata da relação  $a-a'$ , do sujeito ao objeto, da relação imagem de  $a$  em relação ao Outro, na medida em que ela estrutura essa relação. É justamente o ausente que – como sendo característico da relação do desejo sobre a relação do sujeito,  $\$$ , com as funções imaginárias, é expresso na fórmula  $\$ \langle a \rangle$  – nesse sentido em que o desejo como tal, e em relação a todo o objeto possível para o homem, lhe apresenta a questão da sua elisão subjetiva.

Eu quero dizer que enquanto o sujeito, no registro, na dimensão da palavra, na medida em que se inscreve enquanto demandante, a aproximar dessa alguma coisa que é o objeto o mais elaborado, o mais evoluído – aquilo que mais ou menos habilidosamente a concepção analítica nos apresenta como sendo o objeto da oblatividade, essa noção, freqüentemente a sublinhei, faz dificuldade, é a essa que tentamos também nos confrontar, que tentamos formular de um modo mais rigoroso - o sujeito, enquanto desejo, isto é, na plenitude de um destino humano que é aquele de um sujeito falante, para aproximar esse objeto se encontra tomado nesse tipo de impasse que faz com que ele próprio não saiba atingi-lo,

7 de janeiro de 1959

esse objeto como objeto, que de certa forma encontrando-se ele como sujeito, sujeito da palavra, ou nessa elisão que o deixa na noite do traumatismo, propriamente dito, naquilo que está além da própria angústia, ou de se encontrar devendo tomar o lugar, se substituir, se subsumir sob um certo significante que se encontra (eu o articulo pura e simplesmente por ora, não o justifico já que é todo o nosso desenvolvimento que deve justificá-lo, e toda a experiência analítica está aí para justificá-lo) ser o falo.

É daí que parte o fato de que em toda a assunção da posição madura, da posição que chamamos genital, alguma coisa se produz ao nível do imaginário que se chama a castração e a sua incidência ao nível do imaginário. Por quê? Porque o falo entre outros – só acontece nessa perspectiva em que podemos entender toda a problemática que levantou o fato, verdadeiramente ao infinito, e o qual é impossível extrair de outra forma – a questão da fase fálica para os analistas, a contradição, eu diria, o diálogo Freud-Jones sobre esse sujeito, que é singularmente patético – todo esse tipo de impasse no qual Jones entra quando, revoltando-se contra a concepção muito simples que se faz Freud da função fálica como sendo o termo unívoco em torno do qual pivota todo o desenvolvimento concreto, histórico da sexualidade no homem e na mulher, evidencia aquilo que ele chama as funções de defesa ligadas a essa imagem do falo. Um e outro, afinal de contas, dizem a mesma coisa, eles abordam-no por pontos de vista diferentes. Eles não podem se encontrar seguramente por falta desta noção central, fundamental, que faz com que nós devamos conceber o falo como, nessa ocasião, tomado, subtraído, se é que assim podemos dizer, à comunidade imaginária, à diversidade, à multiplicidade das imagens que vêm assumir as funções corporais, isolado em face de todas as outras nessa função privilegiada que o faz significante do sujeito.

Iluminemos ainda mais, aqui, nossa lanterna, e digamos isso, em suma, sobre os dois planos, que são: o primeiro plano, imediato, aparente, espontâneo, que é o apelo (que é o “socorro!”, que é “pão!”, que é um grito, afinal de contas, que é, em todo caso, alguma coisa quando, da maneira mais total, o sujeito é idêntico, por um momento, a essa necessidade), portanto deve articular-se ao nível pontuado [quésiti] da demanda que se encontra na primeira relação, na experiência entre a criança e a mãe – função daquilo que é articulado e que será mais e mais articulado, é claro, na relação da criança e da mãe, de tudo aquilo que ele lhe substitui do conjunto da sociedade que fala sua própria língua. Entre esse nível e o nível votivo [voti], isto é, ali onde o sujeito, ao longo de sua vida, tem que encontrar-se, isto é, encontrar aquilo que lhe escapou, porque estando além, por fora de tudo, a forma da linguagem, mais e mais e à medida em que ela se desenvolve, deixa passar, deixa filtrar, rejeita, recalca aquilo que primeiro tendia a expressar-se de sua necessidade. Essa articulação do segundo grau é o que, como sendo justamente modelado, transformado por sua palavra, isto é, por essa tentativa de passar além dessa transformação mesmo, é o que nós fazemos na análise, e é o porque de podermos dizer que, da mesma forma como tudo o que reside daquilo que deve se articular no nível pontuado esta aí no A como um código pré-determinado – enquanto pré-existente à experiência do sujeito como sendo aquilo que no Outro é oferecido ao jogo da linguagem, à primeira bateria significante que o sujeito experimenta desde que aprenda a falar...

O que nós fazemos na análise? O que nós encontramos? O que nós reconhecemos quando dizemos que o sujeito está no estágio oral, ou no estágio anal, etc. Nada além daquilo que é expresso sob essa forma madura da qual não se deve esquecer o elemento completo: é o sujeito enquanto marcado pela palavra e numa certa relação com sua demanda. É isso, literalmente, que em tal ou tal interpretação, quando lhe fazemos sentir a estruturação oral,

7 de janeiro de 1959

anal, ou outra, de sua demanda, não fazemos simplesmente reconhecimento do caráter anal da demanda, nós confrontamos o sujeito ao caráter anal ou oral, não nos interessamos simplesmente por alguma coisa que é imanente no que articulamos como sendo a demanda do sujeito, nós confrontamos o sujeito a essa estrutura de sua demanda. E é aí justamente que deve balançar, oscilar, vacilar a acentuação da nossa interpretação. Pois acentuada de uma certa maneira nós lhe ensinamos a reconhecer alguma coisa que, se assim podemos dizer, está neste nível superior, nível votivo, nível de seus votos, daquilo que ele aspira na medida em que são inconscientes. Nós lhes ensinamos, se assim podemos dizer, a falar, a se reconhecer naquilo que corresponde ao [D] a esse nível, mas nós não lhe damos, por isso, as respostas. Sustentando a interpretação inteiramente nesse registro do reconhecimento de suportes significantes ocultos na sua demanda, inconscientes, não fazemos nada além disso.

Se nós esquecemos aquilo de que se trata, isto é, de confrontar o sujeito com a sua demanda, não percebemos que aquilo que produzimos é justamente o colapso, o apagamento da função do sujeito como tal na revelação desse vocabulário inconsciente, nós solicitamos ao sujeito se apagar e desaparecer. E é de fato, em muitos casos, aquilo de que se trata. É, a saber, que numa certa aprendizagem que podemos fazer na análise do inconsciente, de uma certa forma o que desaparece, o que foge, ou que é mais e mais reduzido, não é nada mais que essa exigência, que é a do sujeito, de se manifestar além de tudo isso no seu ser: por trazê-lo sem cessar ao nível da demanda acabamos de algum modo como por algum lado – e é o que chamamos em uma certa técnica, “a análise das resistências” – por reduzir pura e simplesmente aquilo que é seu desejo.

Ora, se é simples e fácil ver que na relação do sujeito ao Outro, a resposta se faz retroativamente e alhures, que aí alguma coisa retorna para trás sobre o sujeito para confirmá-lo no sentido da demanda, para identificá-lo por ocasião de sua própria demanda, é claro, da mesma forma, no nível onde o sujeito busca se situar, se reconhecer justamente naquilo que está além dessa demanda, que há um lugar para a resposta, esse lugar para a resposta, aí esquematizado por **S** significante de **A** barrado,  $S(\bar{A})$ , isto é, a lembrança que o Outro, ele também, marcado pelo significante, ele também, o Outro, é abolido de uma certa forma no discurso, isto só para indicar um ponto teórico no qual veremos a forma que deve tomar. Essa forma, ela é essencialmente, justamente, o reconhecimento daquilo que tem de castrado tudo aquilo que, do ser vivo, tenta se aproximar do ser vivo tal como ele é evocado pela linguagem. E, é claro, não é nem um pouco nesse nível que nós podemos, primeiro, dar a resposta.

Mas, ao contrário, respeitar, visar, explorar, utilizar aquilo que já expressamos no além desse lugar da resposta no sujeito, e que está representado pela situação imaginária onde ele mesmo se coloca, se mantém, se suspende como numa espécie de posição que seguramente participa, por certos lados, dos artifícios da defesa; é bem o que faz a ambigüidade de tantas manifestações do desejo, do desejo perverso, por exemplo.

É na medida em que aí alguma coisa se expressa que é o ponto mais essencial onde o ser do sujeito tenta se afirmar. E isso é ainda mais importante a se considerar, deve-se considerar que é precisamente aí, nesse local mesmo, nesse lugar mesmo, que deve se produzir o que nós chamamos tão facilmente o objeto acabado, a maturação genital; dito de outra forma, tudo o que constituirá (como se expressa em algum lugar bíblicamente M. Jones) as relações do homem e da mulher se encontrarão, a partir do fato de que o homem é um sujeito falante, marcado por dificuldades estruturais que são aquelas que se expressam nessa relação do  $\$$  com o  $a$ .

7 de janeiro de 1959

Por quê? Porque, precisamente, se podemos dizer que até um certo momento, um certo estado, um certo tempo do desenvolvimento, o vocabulário, o código da demanda pode passar num certo número de relações, as quais comportam o objeto deslocável (a saber, a alimentação para aquilo que é da relação oral, o excremento para aquilo que é da relação anal, para nos limitar, por enquanto, a esses dois), quando se trata da relação genital é bem evidente que só o é por um tipo de empréstimo, de prolongação desse despedaçamento significativo do sujeito na relação da demanda que alguma coisa pode nos aparecer – e nos aparece, de fato, mas a título mórbido, a título de todas essas incidências sintomáticas – a saber, o falo. Por um simples e bom motivo: é que, realmente, o falo não é esse objeto removível. Ele só torna-se por sua passagem a nível de significativo e que tudo aquilo de que se trata em uma maturação genital completa se apoia sobre o que, no sujeito, deve se apresentar como sendo aqui o acabamento de seu desejo; bem, para dizê-lo claramente, alguma coisa que não pode se demandar.

E a essência da neurose, e aquilo com que nós lidamos, consiste muito precisamente nisso, isto é, que aquilo que não pode se demandar sobre esse terreno – justamente o neurótico, ou, no fenômeno neurótico, a saber, naquilo que aparece de mais ou menos esporádico na evolução de todos os sujeitos que participam da estrutura da neurose – consiste justamente, - reencontramos sempre essa estrutura – nisso: que o que é da ordem do desejo se inscreve, se formula no registro da demanda.

No curso de uma releitura que fazia recentemente de M. Jones, eu retomava tudo aquilo que ele escreveu sobre [a fase fálica]<sup>3</sup>; é muito marcante a todo instante aquilo que ele traz de sua experiência, a mais fina, a mais direta: “Eu gostaria de relatar alguma coisa de um grande número de pacientes masculinos que apresentam uma deficiência para alcançar ou realizar sua virilidade em relação a outros homens ou a mulheres, e de mostrar que sua *falha*, sua falta nessa ocasião, sua barreira, e da maneira a mais estrita [...] sua atitude de necessidade, primeiro de adquirir alguma coisa das mulheres, alguma coisa que, por um bom motivo, eles não podem nunca realmente adquirir”. “Por quê?”, diz Jones. E quando ele diz “por quê?” no seu artigo e no seu contexto é um verdadeiro “por quê?”. Ele não sabe porque, mas ele constata-o, ele pontua-o como um ponto de horizonte, uma abertura, uma perspectiva, um ponto onde os guias lhe escapam. “Porque um ato é imperfeito. Também poderá ele dar ao garoto esse sentimento da posse imperfeita do seu próprio pênis. Eu estou plenamente convencido de que as duas coisas estão, de fato, intimamente ligadas uma à outra, sendo que a conexão lógica entre essas duas coisas não é, certamente, evidente<sup>4</sup>”. Em todo caso, não evidente para ele...

A todo instante reencontramos esses detalhes sobre a fenomenologia, a mais nivelante, quero dizer, as sucessões necessárias pelas quais o sujeito se desliza para chegar à ação plena de seu desejo, as prévias que lhe são necessárias. Nós podemos reconstitui-las, reencontrar aquilo que chamarei os caminhos labirínticos onde se marca o fato essencial da posição que o sujeito tomou nessa referência, nessa relação, estrutural para ele, entre desejo e demanda. E, se mantém-no da posição incestuosa onde o inconsciente é alguma coisa que tem um sentido, e que tem conseqüências, de fato, diversamente devastadoras sobre as manifestações do desejo, sobre o cumprimento do desejo do sujeito, não é justamente por

<sup>3</sup> JONES, E., (1933), “The Phallic Phase”, I.J.P. Vol. XIV, 1933, 1-33. Trad. Fr. In *La psychanalyse* n.º 7, Paris, 1964, PUF, pp. 271-312, e in *Théorie et Pratique de la psychanalyse*, Paris, 1969, Payot.

<sup>4</sup> In *La Psychanalyse* n.º 7, pp. 282-283.

7 de janeiro de 1959

nenhum outro motivo além deste: é que a posição dita incestuosa conservada em algum lugar no inconsciente é justamente essa posição da demanda.

O sujeito em determinado momento, dizemos – e é como se expressa M. Jones – tem que escolher entre seu objeto incestuoso e seu sexo. Se ele quer conservar um, deve renunciar ao outro. Eu diria que aquilo entre o quê e o quê ele tem de escolher em tal momento inicial, é entre sua demanda e seu desejo.

Retomemos agora, depois destas indicações gerais, o caminho no qual desejo introduzirmos para mostrar-lhes a medida comum que tem essa estruturação do desejo e como, de fato, ela se encontra implicada. Os elementos imaginários enquanto... devem ser infletidos, eles devem ser tomados no jogo necessário da parte significante enquanto comandado, esse jogo, pela estrutura dupla do votivo e do pontuado.

Tomemos um fantasma, o mais banal, o mais comum, aquele que o próprio Freud estudou, ao qual ele destinou uma atenção especial, o fantasma *uma criança é batida*. Retomemo-lo agora com a perspectiva que é aquela sobre a qual nos aproximamos para tentar apreender como pode-se formular a necessidade do fantasma enquanto suporte do desejo.

Freud, falando desses fantasmas tais quais os observou num certo número de sujeitos, na época com uma predominância nas mulheres, nos diz que a primeira fase da *Schlagfantasie* é restituída na medida em que consegue ser reevocada (seja nos fantasmas, seja nas lembranças do sujeito) pela seguinte frase: “*der Vater schlägt das Kind*”, e que a criança que é batida na ocasião está em relação ao sujeito nisto: “*o pai bate na criança que eu odío*” (sublinhado por Freud).

Eis-nos, portanto, levados por Freud, do ponto inicial ao coração mesmo de alguma coisa que se situa na qualidade a mais [aguda] do amor e do ódio, aquela que visa o outro no seu ser, e na medida em que esse ser, na ocasião, é submetido ao máximo do rebaixamento, em sua valorização simbólica, pela violência e capricho paterno, ele está ali. A injúria aqui, se a chamamos narcísica, é alguma coisa que, em suma, é total. Ela visa, no sujeito odiado, aquilo que é demandado além de toda demanda. Ela visa aí que ele está absolutamente frustrado, privado de amor. O caráter de destituição subjetiva que é ligado para a criança ao encontro com a primeira punição corporal deixa traços diversos segundo o caráter diversamente repetido. E cada um pode constatar, na época em que vivemos, onde essas coisas são extremamente poupadas às crianças, que, se acontecer que uma criança que nunca tiver sido batida, seja depois objeto, alguma vez, de alguma sevícia, sejam elas as mais justificadas, pelo menos numa época relativamente tardia, não saberíamos imaginar as conseqüências prostrantes, pelo menos no instante, que tem essa experiência para a criança. Seja como for, podemos considerar como dado a experiência primitiva, está bem aí o de que se trata, tal qual Freud nos expressa: “Entre essa fase e a seguinte deve-se passar algumas grandes transformações”. De fato, essa segunda fase, Freud nô-la expressa assim: “A pessoa que bate fica como sendo o pai, mas a criança batida se tornou regularmente, na regra, a criança do próprio fantasma. O fantasma está, em altíssimo nível, tinto de prazer, e se completa de um modo totalmente significativo ao qual nós lidaremos mais tarde” – e não sem motivo. “Sua fórmula articulada é agora assim: *eu sou batido pelo pai*”. (sublinhado por Freud)

Mas Freud acrescenta que isso que é “a mais importante e a mais pesada em conseqüência de todas as fases, podemos dizer dela, assim mesmo num certo sentido, que ela nunca tem



7 de janeiro de 1959

existência real. Ela jamais é, em caso algum, reevocada, nunca é levada à consciência. Ela é uma construção da análise, mas não deixa de ser uma necessidade”<sup>5</sup>.

Eu creio que não avaliamos o bastante as conseqüências de uma tal afirmação de Freud. Afinal de contas, já que nós não a reencontramos nunca, essa fase, a mais significativa, é no entanto muito importante ver, já que ela desemboca em uma terceira fase, a fase em questão, que é necessário que nós concebamos essa segunda fase como [necessária] e procurada pelo sujeito. E é claro que essa alguma coisa que é buscada nos interessa no mais alto nível, já que não é nada mais que a fórmula do masoquismo primordial, isto é, justamente esse momento em que o sujeito vai buscar a realização mais próxima de si, de sujeito, na dialética significante.

Alguma coisa essencial, como diz Freud apropriadamente, aconteceu entre a primeira e a segunda fase. É, a saber, essa alguma coisa onde ele viu o outro como precipitado de sua dignidade de sujeito erigido, de pequeno rival; alguma coisa se abriu nele que lhe fez perceber que é nessa possibilidade mesma de anulação subjetiva que reside todo o seu ser enquanto ser existente, que é aí, raspando mais de perto essa abolição, que ele mede a dimensão mesma na qual subsiste como ser-sujeito-de-querer, como ser que pode emitir um voto.

O que é que nos dá toda a fenomenologia do masoquismo, tal qual é preciso, no entanto, ir buscá-la na literatura masoquista, nos agrada ou não, seja pornográfica ou não? Tomemos um romance célebre, ou um romance recente, lançado por uma casa meio clandestina. O que é a essência do fantasma masoquista, afinal de contas? É a representação, pelo sujeito, de alguma coisa, de uma ladeira, de uma série de experiências imaginadas cuja vertente, cuja margem tem, essencialmente, isso que a limita, é pura e simplesmente tratada como uma coisa, como alguma coisa que, no limite, se negocia, se vende, se maltrata, é anulada em toda espécie de possibilidade, propriamente falando, votiva, de se apreender autônoma. Ele é tratado como um fantasma, como um cão, diremos nós, e não qualquer cão, um cão que maltratamos; precisamente como um cão já maltratado.

É esse o ponto, o ponto pivô, a base de transformação suposta no sujeito que busca encontrar aonde é esse ponto de oscilação, esse ponto de equilíbrio, esse produto desse \$ que é aquilo em que precisamente tem de entrar; se ele entra, uma vez entrado na dialética da palavra, em algum lugar tem de se formular como sujeito. Mas, afinal de contas, o sujeito neurótico é como Picasso, “ele não busca, ele encontra” (pois é assim que se expressou um dia Picasso), fórmula verdadeiramente soberana. E, na verdade, há uma espécie de gente que busca, e há aqueles que encontram. Acreditem em mim, os neuróticos, a saber, tudo aquilo que se produz de espontâneo desse estreitamento do homem com sua palavra, encontra. E, farei notar que “encontrar” [*trouver*] vem da palavra latina *tropus*, muito expressamente daquilo de que eu falo sem parar: das dificuldades de retórica. A palavra que nas línguas romanas designa “encontrar” – ao contrário do que se passa nas línguas germânicas, onde há uma outra raiz que serve para isso, é curioso que seja emprestado da linguagem da retórica.

Vamos nos suspender um instante sobre este momento terceiro, do [no] ponto onde o sujeito encontrou. Aquele, nós o temos de imediato, talvez valha parar aí. No fantasma: *uma criança é batida*, o que é que tem aí? Aquilo que bate é *se*, fica bem claro, e Freud aí

<sup>5</sup> G. W. XII, p. 204. Trad. Fr. In *Névroses, Psychoses et Perversions*, p. 225.

<sup>6</sup> NT: [*α*] *Ein kind wird geschlagen*, Freud, S. 1919: *Uma criança sendo batida*. Alguém bate em alguém.

7 de janeiro de 1959

insiste. Não há nada a se fazer. Dizemos a ele: mas, quem bate? É fulano ou beltrano? O sujeito é realmente evasivo. Só após uma certa elaboração interpretativa, quando tivermos encontrado a primeira fase, poderemos aí reencontrar uma certa figura ou imagem paterna sob essa forma, a forma em que o sujeito encontrou seu fantasma, na medida em que seu fantasma serve de suporte a seu desejo, à realização masturbatória. Naquele momento o sujeito é perfeitamente neutralizado. Ele é “*sé*” [œ]. E quanto ao que é batido, não é menos difícil apreender, é múltiplo: [*immer nur Buber*], muitas crianças, meninos, [*nur Mädél*], quando se trata da menina, mas não forçosamente com uma relação obrigatória entre o sexo da criança que fantasmaliza e o sexo da imagem fantasmalizada.

As maiores variações, as maiores incertezas reinam também sobre esse tema onde, nós sabemos bem que, por algum lado, quer seja *a* ou *a'*, quer seja *i(a)* ou *a*, a criança, até um certo ponto, participa, já que é ela que faz o fantasma. Mas enfim, em nenhum lugar, de modo preciso, de uma maneira não-equívoca, de uma maneira que não seja precisamente, indefinidamente oscilante, a criança se situa.

Mas aquilo sobre o que, aqui, gostaríamos de acentuar, é sobre alguma coisa de bem vizinha daquilo que chamei há pouco a repartição entre os elementos intra-subjetivos do sonho. Por um lado, no fantasma sádico (esse está nos fantasmas que podemos observar mais ou menos de perto em sua maior expansão), eu demandarei onde está o afeto acentuado? O afeto acentuado – da mesma forma que estava no sonho conduzido sobre o sujeito sonhante, essa forma da dor – é incontestavelmente um fantasma sádico, elevado sobre a imagem fantasmada do parceiro; é o parceiro, não tanto enquanto seja batido, na medida em que vai sê-lo, ou que ele nem mesmo sabe como ele vai sê-lo.

Esse elemento extraordinário sobre o qual voltarei a propósito da fenomenologia da angústia, e onde já lhes indico essa distinção que está no texto de Freud (mas o qual naturalmente, nunca, ninguém fez a mínima constatação a respeito da angústia), entre essas nuances que separam a perda pura e simples do sujeito na noite da indeterminação subjetiva, e essa alguma coisa que é bem diferente e que é já um aviso, ereção, se assim podemos dizer, do sujeito diante do perigo e que, como tal, é articulado por Freud em *Inibição sintoma, angústia*, onde Freud introduz uma distinção ainda mais espantosa, pois ela é tão sutil, fenomenológica, que ela não é fácil de traduzir em francês, entre [*abwarten*] que tentarei traduzir por sujeitar-se [*subir*], “não poder, mas” [*n'en pouvoir mais*], “dar as costas” [*tendre le dos*], e [*erwarten*], que é “esperar algo” [*s'attendre à*] <sup>7</sup>. É nesse registro, nessa gama que se situa, no fantasma sádico, o afeto acentuado atado ao outro, ao parceiro, àquele que está em frente, no caso *a*.

Afinal de contas, onde está ele, esse sujeito que nessa ocasião está exposto a alguma coisa que lhe falta, justamente para saber onde ele está? Seria fácil dizer que ele está entre os dois. Eu irei mais além, diria que, afinal de contas, o sujeito o está tão verdadeiramente entre os dois que, se há alguma coisa aqui ao que ele seja idêntico ou que ele ilustra de modo exemplar é o papel disso com que a gente bate, é o papel do instrumento. É ao instrumento a que ele é aqui, afinal de contas, idêntico, já que um instrumento aqui nos revela – e sempre para nosso estupor, e sempre com a maior razão para nos espantar, exceto por aquilo que não queremos ver – que ele intervêm muito freqüentemente como o personagem essencial naquilo que nós tentamos articular da estrutura imaginária do desejo.

<sup>7</sup> *Erwartung* ver G.W. XIV, p. 197 sv., I.S.A., p. 94-98. A tradução francesa não restitui o subtítulo desenvolvido por Lacan.

7 de janeiro de 1959

E é bem aí aquilo que é o mais paradoxal, o que mais nos adverte. É que, em suma, é sob esse significante, aqui totalmente desvelado na sua natureza de significante, que o sujeito vem se abolir na medida em que se apreende nessa ocasião no seu ser essencial, se é verdade que com Spinoza nós podemos dizer que esse ser essencial é o seu desejo.

E, de fato, é a esse mesmo cruzamento que nós somos levados cada vez que se apresenta para nós a problemática sexual. Se o ponto-pivô de onde nós partimos há dois anos, que era justamente aquele da fase fálica na mulher, é constituído por esse ponto de revezamento [*relais*] onde Jones volta sempre ao longo de sua discussão, para retomá-lo, para elaborá-lo, para realmente o [...]. O texto de Jones sobre esse sujeito tem o valor de uma elaboração analítica: o ponto central é esta relação do ódio da mãe com o desejo do falo; é daí que Freud partiu. É em torno disso que ele faz partir o caráter verdadeiramente fundamental, genético, da exigência fálica, no desembocar do Édipo no rapaz, e na entrada do Édipo para a mulher. É esse ponto de conexão: ódio da mãe, desejo do falo, aquilo que é o sentido próprio desse *Penisneid*

Mas Jones, com razão, sublinha as ambigüidades que são encontradas cada vez que nós as usamos, pois se é o desejo de ter um pênis perante um outro, (isto é, uma rivalidade), é preciso, no entanto, que se apresente sob um aspecto ambíguo, que nos mostre bem que é além que devemos procurar seu sentido. O desejo do falo, isso quer dizer o desejo mediatizado pelo mediatizante-falo, papel essencial que desempenha o falo na materialização [mediatização] do desejo.

Isso nos leva a colocar – para introduzir aquilo que nós teremos de desenvolver posteriormente na nossa análise da construção do fantasma, nesse cruzamento que é este aqui – que o problema, afinal de contas, é de saber como vai poder ser sustentada essa relação do significante falo na experiência imaginária que é a sua, enquanto profundamente estruturada pelas formas narcísicas que regulam as suas relações com seu semelhante como tal. É entre  $\$$ , sujeito falante, e  $a$ , é, a saber, a esse outro que o sujeito fala nele mesmo. Portanto,  $a$  é o que nós identificamos hoje. É o outro imaginário, é aquilo que o sujeito tem nele mesmo como “pulsão”, no sentido em que onde a palavra pulsão é posta entre aspas, onde não é ainda a pulsão elaborada, tomada na dialética significante, onde está a pulsão no seu caráter primitivo, onde a pulsão representa tal ou qual manifestação da necessidade no sujeito.

Imagem do outro, a saber, aquilo em que – pela intermediação da reflexão especular do sujeito para situar suas necessidades – está no horizonte alguma outra coisa, a saber, aquilo que chamei, primeiramente, a primeira identificação ao outro, no sentido radical, a identificação às insígnias do outro, a saber, significante grande **I** sobre  $a$ .

Eu vou dar um esquema que reconhecerão aqueles que seguiram o primeiro ano do meu seminário: nós falávamos do narcisismo. Eu dei o esquema do espelho parabólico graças ao qual podemos fazer aparecer sobre uma bandeja, em um vaso, a imagem de uma flor escondida, seja iluminada por baixo, seja pela bandeja, e que graças à propriedade dos raios esféricos vêm se projetar, se perfilar aqui em imagem real – quero dizer produzir por um momento a ilusão precisa que há dessa flor no vaso.

Pode parecer misterioso ver que podemos imaginar que devemos ter aqui uma pequena tela para acolher essa imagem no espaço; não é nada disso. Eu fiz notar que essa ilusão, a saber, a vista da ascensão no ar dessa imagem real só se percebe de um certo campo do espaço que é precisamente determinado pelo diâmetro do espelho esférico, localizado em relação

7 de janeiro de 1959

ao centro do espelho esférico. Isto é, se o espelho é estreito, será necessário, evidentemente, colocar-se num campo onde os raios que são refletidos do espelho vêm recuzar seu centro, e por conseguinte, em um certo desabrochar de uma zona no espaço, para ver a imagem<sup>8</sup>.

A astúcia da minha pequena explicação no tempo era esta: se alguém pode ver essa imagem se produzir, fantasmática, no interior do pote – ou um pouquinho de lado, o que importa? – vê-la se produzir em algum lugar no espaço, onde já há um objeto real, e se esse observador se encontra aí, poderá se servir do espelho [plano]. Se ele está numa posição simétrica em relação ao espelho, a posição virtual daquele que está diante do espelho será, nessa inclinação aí, do espelho, de vir se situar no interior do cone de visibilidade da imagem que está para se produzir aqui.

Isso quer dizer que ele verá a imagem da flor justamente nesse espelho [plano], no ponto simétrico. Em outros termos, o que se produz se o raio luminoso que se reflete para o observador é estritamente simétrico da reflexão visual – daquilo que se passa do outro lado – é porque o sujeito virtualmente terá tomado o lugar daquilo que está do outro lado do espelho [plano], que ele verá nesse espelho [plano] o vaso – aquilo que podemos esperar, já que ele está aí – e por outro lado a imagem real, tal qual ela se produz no lugar onde ele não pode vê-la.

A relação, o inter-jogo entre os diferentes elementos imaginários e os elementos de identificação simbólica do sujeito, podem ser de certo modo imajados nesse aparelho ótico, de um modo que não creio não-tradicional, já que Freud o formulou em algum lugar em sua *Traumdeutung*. Ele dá, em algum lugar, o esquema das lentes sucessivas nas quais se refrata a passagem progressiva do inconsciente ao pré-consciente, que ele buscava nas suas referências análogas – óticas, diz ele precisamente.

Elas representam, de fato, aquele algo que, no fantasma, tenta alcançar seu lugar no simbólico. Isso, por conseguinte, faz de  $\$$  outra coisa que um olho, é só uma metáfora. Se ele designa que ele quer alcançar seu lugar no simbólico, é de modo especular, a saber, em relação ao Outro, que, aqui, é o grande **A**. Esse espelho não é senão um espelho simbólico, não se trata do espelho diante do qual a pequena criança se agita.

Isso quer dizer que numa certa reflexão que é feita com a ajuda das palavras no primeiro aprendizado da linguagem, o sujeito aprende a regular em algum lugar, a uma boa distância, as insígnias onde ele se identifica, a saber, alguma coisa que dá no outro lado, que lhe corresponde nessas primeiras identificações do eu [moi]. E é no interior disso – na medida em que já tiver alguma coisa ao mesmo tempo pré-formada, de aberto ao despedaçamento, mas que não entra nesse jogo de despedaçamento na medida em que o simbólico existe e lhe abre o campo disso – é no interior disso que vai se produzir essa relação imaginária na qual o sujeito se encontrará preso, e que, eu o indico, faz com que, na relação erótica ao outro, tão acabada, tão impulsionada, que a supomos, haverá sempre um ponto de redução que vocês podem captar como extrapolações da representação [*épuré*] erótica entre os sujeitos. É que há a transformação dessa relação primeira de  $a$  a  $a'$ ,  $i(a)$ , dessa relação fundamentalmente especular que regula as relações do sujeito com o outro. Há a transformação disso, e uma repartição entre, por um lado, o conjunto dos elementos fragmentados do corpo, e aquilo com o que lidamos na medida em que somos a marionete, e na medida em que nosso parceiro o é, a marionete. Mas a marionete, só lhe falta uma

<sup>8</sup> LACAN, J., Seminário I, *Os escritos técnicos de Freud*

7 de janeiro de 1959

coisa, o falo. O falo está ocupado alhures, na função significante. É porque sempre há, não digo no seio das [...] que se opõem sempre, mas que podem ser reencontradas em qualquer momento da [...] interpretativa da situação.

O sujeito, na medida em que se identifica ao falo face ao outro, se despedaça, estando ele mesmo em presença de alguma coisa que é o falo. E para pôr os pontos sobre os is, direi que entre o homem e a mulher, peço-lhes deterem-se nisso, que na relação, seja ela a mais amorosa entre um homem e uma mulher, na medida em que o desejo tomar [...], o desejo se encontra além da relação amorosa por parte do homem. Eu entendo, portanto, que a mulher simboliza o falo, que o homem aí reencontra o complemento do seu ser; é a forma, se assim posso dizer, ideal.

É justamente na medida em que o homem, no amor, é verdadeiramente alienado a esse falo, objeto de seu desejo, que reduz, portanto, no ato erótico, a mulher, a um ser objeto imaginário, que essa forma do desejo será realizada. E é bem por isso que é mantida, no seio mesmo da relação amorosa mais profunda, a mais íntima, essa duplicidade do objeto sobre a qual tantas vezes insisti a propósito da famosa relação genital. Eu retorno à idéia de que, justamente, se a relação amorosa é aqui alcançada, é na medida em que o outro dará o que não tem, e que é a definição mesmo do amor.

Por outro lado, a relação da mulher com o homem, que cada qual se compraz em acreditar, muito mais monogâmica, é alguma coisa que não representa menos a mesma ambigüidade, com essa única distinção, que a mulher encontra no homem, é o falo real, e, portanto, seu desejo aí encontra, como sempre, sua satisfação. De fato, ela se encontra em postura de aí ver uma relação de gozo satisfatório.

Mas, justamente, é na medida em que a satisfação do desejo se produz sobre o plano real que aquilo que a mulher, de fato, ama, e não deseja, é esse ser que, ele, está além do encontro do desejo e que é, justamente, o outro, a saber, o homem enquanto privado do falo, enquanto precisamente por sua natureza de ser acabado [*achevé*], de ser falante, ele é castrado.